

A IMPORTÂNCIA DE VIVÊNCIAS NA FORMAÇÃO CONTINUADA PARA O PROCESSO DE CONSCIENTIZAÇÃO DE PROFESSORES QUE DESENVOLVEM A EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE NA ESCOLA

FERREIRA, Cristiani Freitas – Educa Brasil – cristianifreitas@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo apresenta reflexões e conclusões acerca de estudos e sugestões propostas, por mim, no livro “Educação ambiental na escola: guia para educadores”, na perspectiva freiriana, de conscientização necessária para transformar o mundo, associando as teorias propagadas no currículo socioambiental às práticas dos educadores. Reafirmo a importância da formação continuada dos professores, com foco na sensibilização e vivências para instrumentalizá-lo a sair da escola, tomar o mundo e analisá-lo com os alunos, de maneira que a realidade do entorno escolar seja substancialmente modificada pelos sujeitos da ação educativa. Para isso, pontuo a necessidade de formações para professores além de aprendizagens sobre conceitos e valores, mas comprometidas com a transformação da sociedade, em um processo de conscientização capaz de impor exemplos de atuação aos educandos e comprometer o professor na busca de recursos pedagógicos eficientes, como os sugeridos no livro, com foco nas linguagens variadas que os educandos tem acesso cotidianamente e que fazem parte de seu mundo.

JUSTIFICATIVA:

A educação para a sustentabilidade é um tema de grande relevância nos currículos escolares, atualmente. Milhares de educadores procuram informações teóricas e práticas para participarem desse processo de mudança da qualidade de vida, da desigualdade social, do consumo irracional e das relações que o ser humano trava com seus semelhantes e com todos os seres vivos do planeta.

Por outro lado, uma imensa maioria de professores segue alienada do processo em curso, praticando um currículo desvinculado do cotidiano dos alunos, atuando superficialmente em um estágio ingênuo, que desvinculado de criticidade, promove um discurso totalmente contrário à práxis do professor.

A maioria das escolas realiza ações isoladas e pontuais relacionadas à transformação do meio ambiente; a maioria dos professores não sabe como construir um currículo que fale do cotidiano e interfira nas injustiças, empoderando os alunos para a transformação do mundo.

Percebe-se, ao analisar as práticas comuns nas escolas de Educação Básica, uma superficialidade no trato dos temas, que demonstra a necessidade primeira de conscientização dos educadores, pois quem não sabe não pode fazer.

De acordo com Paulo Freire, em *Conscientização*:

Uma das características do homem é que somente ele é homem. Somente ele é capaz de tomar distância frente ao mundo. Somente o homem pode distanciar-se do objeto para admirá-la. Objetivando ou admirando – admirar se toma aqui no sentido filosófico – os homens são capazes de agir conscientemente sobre a realidade objetivada. É precisamente isto, a “práxis humana”, a unidade indissolúvel entre minha ação e minha reflexão sobre o mundo. (FREIRE, 1979, p15)

É, portanto, necessário trazer à tona esse objeto durante as formações de professores, refletindo sobre a maneira predatória com que o homem lida com a natureza e com seus semelhantes, movidos pelo poder e pelo interesse. Essa mudança encerra uma transformação na maneira de ver a natureza, os semelhantes, todos os seres vivos, “os poderes” e a si mesmo. É o processo de conscientização iniciando, conforme dialoga FREIRE em:

Esta tomada de consciência não é ainda a conscientização, porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência. (...) A conscientização não pode existir fora da “práxis”, ou melhor, sem o ato ação – reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens. (FREIRE, 1979, p15)

A conscientização é, portanto, sempre compartilhada nos enfrentamentos com a realidade imposta. Esses desafios são as situações-limite identificadas por Freire, que de tão problemáticas desencadeiam uma mudança na consciência de um grupo social, inserindo-se numa cadeia de práticas sociais e educacionais críticas.

Os **objetivos** da formação continuada de inspiração freiriana são estreitamente relacionados à interdisciplinaridade, implicando por essência, na construção coletiva de uma consciência crítica acerca do momento vivido, visualizando criticamente a maneira como temos conduzido os processos humanos e anunciando como poderíamos viver. Realizar a formação com foco na transformação da realidade implica envolver os professores, de forma intencional, no processo de autotransformação, que tem sido possível a poucos indivíduos, encontrando-se a grande maioria dos professores controlada politicamente e ideologicamente pelos sistemas opressores de educação tradicional.

DA CONCIENTIZAÇÃO PARA A TRANSFORMAÇÃO

Esse processo de desenvolvimento crítico da tomada de consciência pelos professores tem sido iniciado em vivências educativas de sensibilização, promovendo um despertar para ver além do que já acostumados a ver. Essa apreensão histórica da importância da educação jamais dissocia a libertação humana da busca por um planeta sustentável. Na análise de Paulo Freire os problemas ambientais, na sua maioria, são resultado da intervenção humana, que intencionalmente tem destruído, mas que pela sua própria natureza humana, no processo de “vir a ser” e “estar sendo” no mundo e com o mundo, é capaz de transformar essa realidade e construir outros modelos de “ser”.

De acordo com Freire:

“A conscientização está evidentemente ligada à utopia, implica em utopia. Quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos. Mas esta posição deve ser permanente: a partir do momento em que denunciamos uma estrutura desumanizante sem nos comprometermos com a realidade”

(FREIRE, 1979, p16)

A aceitação da utopia e sua propagação pelo currículo amplia o campo de ação dos professores, na medida em que encerra uma disposição para a construção de outros saberes, outros sonhos, outras abordagens.

As questões ambientais estão em todos os meios de comunicação e conversas. Os debates sobre problemas e soluções relacionados à água, lixo, transportes, consumo e violência, por exemplo, chegam aos alunos diariamente. O currículo da escola não pode ser alheio a esse universo, criando uma atmosfera de indiferença; ao contrário, precisa ser combustível para a produção de conhecimentos e práticas que transformem, para melhor, a qualidade de vida de todas as pessoas e seres vivos, em todos os lugares.

Os educadores precisam dialogar com os educandos para que percebam o poder da ação humana sobre os problemas e acontecimentos diários. As conexões ocultas desses fenômenos da natureza precisam ser entendidas pelos educadores e propagadas pelo currículo. São conexões ambientais, sociais e econômicas. Uma rede de consumo e poder. É preciso lembrar que onde há vida, há redes de conexões ocultas.

A educação é uma forma consciente de trazer à tona os problemas socioambientais e suas possíveis soluções. Mas, não basta acrescentar no currículo uma data comemorativa, com uma ação ambiental esporádica. Os temas socioambientais

devem ser permanentes, permeando os conceitos de cidadania que estão no projeto pedagógico de qualquer escola. Se os alunos não veem na prática o que estudam na teoria, não desenvolvem os conceitos de educação para a sustentabilidade.

Nesta perspectiva, a escola formará pessoas que respeitem a natureza e o ser humano, que exercem seus projetos de vida pautados na sustentabilidade e na responsabilidade social, comprometidas diante das injustiças. O conceito de sustentabilidade, então, só é apreendido com atividades práticas e extracurriculares, como estudos em depósitos de coleta seletiva, aterros sanitários, locais de reciclagem, plantio de árvores e ações comunitárias, desenvolvendo o senso crítico, a criatividade e a cidadania dos alunos.

Implantar o conceito de sustentabilidade na escola requer o exemplo, significa mudar posturas, igualando o discurso à prática. Não adianta desenvolver projetos sobre água e desperdício e lavar o pátio com mangueiras ou deixar torneiras quebradas vazando nos bebedouros; debater fontes de energia renováveis e manter luzes acesas em locais ensolarados. Os alunos, por sua vez, precisam ser conscientizados sobre sua realidade, e mobilizados por meio de múltiplas linguagens, como por exemplo a proposta prática do livro *Educação ambiental na escola: guia para educadores*:

Para que haja uma interferência real nas condições de degradação que o planeta vive, as pessoas deverão sentir, se emocionar, assistir aos documentários, discutir sobre os videoclipes de artistas famosos, analisar fotografias dessa natureza desconhecida, enfim, colocar a mão na massa. (FERREIRA, 2014, p107)

Tratar sobre questões do cotidiano dos alunos é o ponto de partida para assegurar uma aprendizagem que os torne aptos a compreender os conceitos de sustentabilidade. Eles precisam vivenciar seu papel e sua responsabilidade com os processos e as dinâmicas características do ambiente onde vivem. Isso significa que o desenvolvimento do currículo associará informações e vivências de técnicas que possibilitem o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da ludicidade com a prática de ações e atitudes ambientais esperadas, o que possibilitará que os alunos reflitam, sintam, produzam, consumam e vivam em harmonia consigo mesmos e com seu meio.

Desenvolver conteúdos rotineiros ou projetos específicos com olhar ambiental requer uma postura diferente do professor, que advém de sua conscientização, pois é ele quem prepara o ambiente para o aluno, quem escolhe os textos, vídeos, músicas e perguntas. É uma decisão política.

Fiori (2002, p. 10), no prefácio da *Pedagogia do Oprimido*, aponta que a "conscientização não é apenas conhecimento e reconhecimento, mas opção, decisão, compromisso".

Diante disso, a conscientização representa um aprofundamento da tomada de consciência, pois o sujeito nesse contexto de interferência no meio deixa de ser um espectador passivo e passa a ver e sentir os outros seres humanos com empatia, portadores de mesmos direito e deveres.

As formações dos professores, portanto, precisam ir além da aprendizagem de conceitos e valores, mas estar vinculadas à sensibilização e à prática de intervenção na comunidade. Os alunos vivem em locais insalubres, descuidados pelo Estado, com rios mortos, áreas desmatadas, assolados pelo lixo, o que possibilita uma intensa exploração da qualidade de vida das populações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação conscientizadora, que porventura se inicia no professor por meio da formação continuada, nem sempre ocorre devido ao seu distanciamento da realidade, por vezes sistematicamente teórica.

Nesse contexto, como promover a Conscientização entre professores embargados de miséria econômica e cultural que tem assolado a categoria de profissionais da educação? Com poucas perspectivas de futuro, como irão reconhecer-se sujeitos desse processo?

Os sistemas de educação pouco tem feito, no sentido de promoção de vivências e sensibilizações na área ambiental, para os professores. Em suas percepções ideológicas, falam de uma educação para a sustentabilidade desvinculada da luta contra as injustiças sociais, e são assim “compreendidos” pelos professores, que tem insistentemente propagado uma educação ambiental inócua.

Esse é o contexto de publicação do livro “Educação ambiental na escola: guia para educadores”, assertivo em suas reflexões sobre o empoderamento dos professores e sobre a possibilidade de uma outra educação possível, apresentando possibilidades práticas de atuação educativa, com foco nas múltiplas linguagens.

REFERÊNCIAS;

FIORI, Ernani Maria. Aprender a dizer a sua palavra. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido* (prefácio). São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez&Moraes, 1979.

FERREIRA, Cristiani Freitas. *Educação ambiental na escola: guia para educadores*. Arujá: Espaço Idea, 2014.

MORIN, Edgar. *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*.